

NECESSIDADE DA LEITURA

Ernesto Ferreira de Oliveira *

Resumo

Os países avançados não atingiram aquele nível de desenvolvimento por acaso. A escola teve certamente importância determinante. É na escola que se aprende a valorizar o pensamento, os meios de busca do esclarecimento e os caminhos apropriados para a sua conquista pelos indivíduos. Discutir o valor, importância e necessidade da leitura para a ampliação do horizonte intelectual e cultural dos indivíduos é o propósito do presente estudo.

Abstract

The advanced countries didn't reach that level of development by chance. The school has surely determined importance. It is in the school where the individuals learn to value the thought, the means of searching of the explanation and the proper ways for its conquest. Discussing the value importance and necessity of the reading for the amplification of the intellectual and cultural horizon of the individuals is the aim of the present study.

Introdução

Tomamos conhecimento do avanço tecnológico de nações que, massacradas na 2ª Grande Guerra, emergiram dos escombros e se tornaram líderes em tecnologia e produção, como aconteceu com Alemanha. Em um primeiro momento, parece haver contradição nisso. Arrasadas, derrotadas, vencidas, emergem essas nações e se projetam, tornando-se líderes no próprio primeiro mundo.

Com certa inveja, ficamos com uma interrogação sobre o motivo desse desenvolvimento. Mas, ao determo-nos na análise do porquê disso, vamos descobrir que tais nações apresentam tradicionalmente um tipo de escola que foge aos padrões de outros países, isto é, apresentam um sistema escolar sério e, sobretudo, voltado para a cultura, para a formação do cidadão, tornando-o capaz de ser consciente dos direitos e deveres que regem a cidadania. Sobretudo há nas escolas desses países a preocupação de formar leitores. Não a formação de pessoas preocupadas em preencher o vazio de suas folgas, mas analistas, críticos, capazes para emitir opiniões, sustentar debates, argumentar, concluir.

Enquanto isso, entre nós, as famílias, nas horas de folga, se emudecem extasiadas diante da TV, quer por causa de novelas vazias, quer por causa de quadros

* Doutor em Letras. Consultor da Revista Akrópolis da UNIPAR

bisonhos e de mau gosto, como casal seminu na banheira à cata de sabonetes, ou ainda a apresentação de aleijumes, ou cenas que causem impacto, seja, ainda, propagando comportamentos não compatíveis com a cidadania. Exemplo? Uma apresentação dita 'cultural' com perguntas ridículas, traduzindo exatamente o gosto e a capacidade dos apresentadores e assistentes. Quando um dos interrogados erra a resposta, segue-se uma cena de pastelão. Outros exemplos há dignos de reprovação ou de censura. E ainda dizem que tudo é coerente com nossa cultura.

Aceitamos passivamente o que nos colocam na telinha. Fôssemos pessoas mais esclarecidas, houvesse um processo de conscientização maior, não teríamos tantas coisas inúteis a nos agredir.

Dizer que falta verba para provocar mudanças é uma grande falácia. Na verdade, quando há recursos para custear bancos falidos, empresas desonestas que simulam dificuldades e não haver dinheiro suficiente para romper as barreiras do subdesenvolvimento, para a saúde, educação, é uma contradição imperdoável.

Veza ou outra, ouvimos comentários de que tal fato escabroso, envolvendo corrupção, desmando, prepotência, se acontecesse em outro país, daria cadeia. Em países ditos de primeiro mundo, parece que até ricos e poderosos, pegos em malandragem, vão a julgamento e muitas vezes cumprem pena, quando condenados.

Entre nós, porém, há como que uma aceitação passiva dos escândalos. Surgem ligeiros comentários e depois vem o esquecimento, surgindo o argumento de que o brasileiro tem memória curta. É como se fizesse parte de nossa cultura aceitarmos o suborno, a malandragem, o crime. Há uma aceitação tácita, uma banalização do crime.

Integrar o time dos países ditos de primeiro mundo, onde possa haver mais justiça, mais oportunidades a todos, mais seriedade de comportamento, é o anseio de todos.

Mas temos que ter a consciência de um fato: ter tecnologia não é ter desenvolvimento. Este só

advém com um comportamento desenvolvido. É necessário saber viver os valores, para poder inseri-los no cotidiano. E isso só se faz com um processo: Educação.

Dentro do contexto Educação, deve ser inserido um outro, relevante: Cultura. Esta só se desenvolve com o caminhar da nação através do tempo, da experiência e vivência do dia-a-dia, dos percalços, das vitórias.

Não é imitando costumes e comportamentos estranhos aos nossos que nos tornaremos desenvolvidos. Se temos os nossos valores, por que imitar outros, só porque são estrangeiros? É bem sintomática aquela propaganda de uma marca de lavadora de roupa em que a proprietária diz que sua máquina é alemã e inclusive as instruções são em alemão.

— “Chiquérrimo!”. É lógico que o texto ironiza.

Não se quer dizer, porém, que devamos rejeitar tudo o que é de fora. A xenofobia é tão prejudicial quanto a xenofilia. Devemos, sim, importar valores, não costumes e ou comportamentos estranhos, como acontece com a discriminação racial e a banalização da morte nos atentados e guerras descabidas.

Pois bem. Contra a insânia das importações descabidas, de valores não condizentes com a nossa realidade, e para que possamos detectar os valores e desvalores, só há um caminho: a Cultura. E para alcançá-la, temos que criar o hábito da leitura em nossas escolas.

1. O livro, veículo de cultura

Desde as mais remotas civilização, de quando o homem primitivo inseria nas cavernas os sinais fixos para a comunicação aos pósteros até as modernas sociedades, as mensagens impressas têm sido a estrada por onde caminha a humanidade na sua ascensão cultural. O livro tem sido o companheiro da aventura humana através dos séculos, porque guarda inúmeras

vantagens sobre os demais meios de cultura, como:

a) O poder de multiplicar as mensagens, atingindo um contingente humano muito grande, independente das distâncias e dos espaços;

b) O poder de projetar informações fixas e precisas, com um processo que provoca o raciocínio, a reflexão, a fantasia;

c) Ajuda a desenvolver a compreensão do universo que nos rodeia;

d) É um alicerce do leitor, como meio de debate de idéias sugeridas com cotejo de outras idéias, de outros livros, de outras abordagens;

e) Os custos relativamente baixos, comparados a outros materiais de cultura, permitem aos de poucas posses sua aquisição;

f) A capacidade de reter, por longo tempo, em nossas estantes, as informações, estando sempre disponíveis aos leitores.

Hoje, graças à informática, podemos tomar conhecimento de todos os fatos sem sair de casa. Poderíamos imaginar que o livro esteja sobrando, sem função, com as novas projeções tecnológicas. Na verdade, o que de fato tem acontecido é ele tornar-se mais requisitado, mais necessário. É que, a metafísica, a reflexão, os sonhos e devaneios poéticos, a fantasia, só adquirem dimensão num processo lento em que a mente vai vislumbrando as realidades transcendentais.

O livro tem sido, pois, o companheiro do homem em suas realizações como ser humano, como meio que registra as façanhas da humanidade. É lembrança: guarda as experiências e criatividade para as gerações futuras. É preparação e antecipação: indica ao homem a diretriz e o *modus operandi* necessários para as projeções futuras.

O jornal "Folha de São Paulo", de 17/09/97, traz um depoimento do escritor argentino naturalizado canadense, Alberto Manguel, sobre o livro, como se segue:

"Por anos se profetizou o fim do livro", disse, apontando como elementos ameaçadores o filme, a TV, o game, o vídeo, e agora, a Internet e o CDROM.

O que se verifica, na opinião de Manguel, é

que, apesar das várias formas de tecnologia já disponíveis, o número de livros impressos no momento é maior do que em qualquer outra época".

"Não devemos temer mudanças. Nada de precioso será perdido, apenas novas possibilidades surgirão, questionando a satisfação do leitor criativo em proposição do espectador passivo". Folha de São Paulo - 4º caderno - Ilustrada p. 17 - 17/09/97.

Tal é a concepção que os intelectuais em geral têm sobre o livro. Podíamos citar inúmeros outros depoimentos que sobrelevem o livro. Mas o que mais nos indica o seu valor é inquirir sobre ele através dos tempos.

O século atual presenciou façanhas extraordinárias do homem em todos os campos de sua atividade. Haja vista a aventura da tecnologia dos foguetes a perscrutar o universo, desde a ida à Lua, até o envio de sondas aos demais planetas do nosso sistema. Nos demais campos de atividade, a cada dia surge façanha nova, nova descoberta, novo invento.

Tudo isso, porém, não se fez de uma hora para outra, como num toque de magia. O que se tem projetado agora, foi alicerçado nas experiências de cientistas, nas observações, idéias e concepções deles, passadas através dos séculos pelos livros.

Sem os livros, a humanidade ficaria sempre na Pré-História, engatinhando em termos de progresso. Os grandes monumentos da cultura não existiriam, como as grandes obras literárias, as escolas, os manuais técnicos. O livro é, pois, o caminho do homem em sua aventura na conquista da auto-realização como ser racional. Sua meta maior: a contínua busca do aperfeiçoamento cultural.

2. Conceito de leitura

Como definem os lingüistas, leitura é a interpretação de signos gráficos de maneira a entendê-los convenientemente. É o meio que permite ao homem ir além dos limites locais de sua cultura. A leitura permite receber os ensinamentos do passado, questionar o presente e preparar as visões do futuro.

Há, porém, várias maneiras de ler. Na

verdade, cada tipo de texto pressupõe um tipo de leitura.

Os textos estéticos, por exemplo, apresentam significados que vão além do signo, carregados que são de ambigüidades aparentes. Sua leitura não deve limitar-se ao ato puramente mecânico, intuindo a mensagem no feixe denotativo. Deve ir além, visto que não estão sob o domínio da lógica. Como signo de dupla articulação, devem ser lidos levando isso em consideração. É que não existe um vocabulário próprio para a linguagem poética, e então, usa-se dos mesmos vocábulos da linguagem referencial, mas num sentido de metáfora sobre metáfora.

Daí os absurdos aparentes que o poeta cria, mas perfeitamente válidos para a expressão artística. Daí também que o texto artístico é carregado de Fantasia, Emoção, Sensibilidade.

Já os textos científicos se confinam nos limites da linguagem referencial. Entretanto, eles apresentam igualmente limites, conforme os graus de abstração que envolvem. Assim, conforme esses graus, há um tipo de leitura de acordo com o objeto. Em um primeiro grau, figuram as ciências experimentais. É quando se manipula a matéria, conforme sua consistência, propriedades, peso atômico etc. Num segundo grau de abstração estão as ciências matemáticas que, embora independam da matéria para a sua existência, trabalham com a quantidade e hipótese quantitativas.

Já num terceiro grau de abstração, temos a Metafísica, que estuda o ser do ponto de vista de sua substância e diferença específica.

Por esses dados acima expostos, pode-se perceber a complexidade que envolve a leitura e captação da mensagem de um texto. Daí a necessidade de técnica para os dois tipos de leitura, a referencial e a estética.

Ler é interpretar. Para isso, é necessário trabalho, exercícios, dicionários, debate, leitura e mais leitura.

3. Leitura crítica

A multiplicidade e número de informações que

recebemos atualmente nos obrigam a propor, aos nossos estudantes de 1º e 2º graus, e até mesmo para os universitários, uma leitura seletiva e crítica. Se lhe ensinarmos a ler de forma reflexiva e não passiva, mas confrontando a mensagem com juízos de valor, teremos o leitor ideal. Daí as atitudes do professor em levantar hipóteses em torno do livro ou texto, provocar debates questionando o conteúdo.

O leitor vai aos poucos aprendendo a diferir as várias naturezas dos textos, a perceber aqueles propagandísticos e os de mensagem. Faz-se, pois, uma leitura crítica, quando se concentra a atenção no texto, inquirindo-lhe os conteúdos de valor e procurando ver as lacunas e ou desvios. Deve-se chegar a conclusões a partir da proposição do texto e não de idéias preconcebidas.

O leitor, portanto, para proceder a uma leitura crítica, deve ater-se às seguintes condições:

- a) Ler criticamente é perceber como é importante tal comportamento;
- b) Estabelecer debates sobre o texto lido de tal modo a conduzir à reação perante a idéia lida, a integrá-la ou a repudiá-la conforme os valores ou desvalores que apresentem;
- c) Procurar estabelecer uma lógica na interpretação, sem que haja interferência das idéias preconcebidas.

4. Leitura além do texto

Um aspecto que o leitor deve ter em mente na leitura é saber ler “nas entrelinhas”, isto é, ir além do que está escrito, percebendo as intencionalidades do escritor dentro do contexto sócio-econômico-cultural.

5. Deficiência na leitura

Há pedagogos que chegam a propor até mesmo maior tempo para a aprendizagem da leitura e seu desenvolvimento, mesmo que isso cause prejuízo a outras atividades. Não é por falta de material didático que surge a deficiência na aprendizagem da leitura, já

que atualmente há grande quantidade de material para isso. A problemática da falta de leitura entre os escolares ou da dificuldade de fazê-los ler está na deficiência da aprendizagem da leitura. Tal deficiência pode estar associada a uma leitura sem reflexão, sem entendimento do que está escrito. É resultado de um aprendizado mecânico, passando por cima das palavras sem entendê-las. Por negligência ou por falta de orientação não usam o dicionário. É incrível, mas ainda há quem negue o dicionário, julgando-o, ainda, “pai do burros”.

A deficiência da leitura pode levar a vários problemas, como a evasão escolar, reprovação, dificuldades de relacionamento, delinqüência, revoltas...

Outras causas da deficiência da leitura, como apontam os pedagogos, podem ser decorrentes dos seguintes fatores:

a) Antecedentes sócio-econômico-culturais: crianças oriundas de camadas sociais de baixa renda e ou de baixa escolaridade, com problemas de integração social;

b) Procedimentos didáticos errados, principalmente nos primeiros anos escolares, quando não se acompanha o desenvolvimento individual dos estudantes, ou mesmo com comportamento rigoroso com relação aos pequenos;

c) Deficiências físicas e ou orgânicas como: visão, audição e até mesmo cerebrais, como a dislalia, disfasia e dislexia.

6. Leitura proveitosa

O hábito de leitura ajuda a desenvolver as potencialidades da pessoa. Na escola, ajuda o aluno a buscar mais informações sobre os assuntos desenvolvidos em sala de aula. Assim, ele desenvolve a aprendizagem em qualidade e profundidade. Disso resultará, com certeza, um processo de ensino mais agradável e menos complicado.

Se houver estímulo para as leituras complementares, haverá muito mais proveito, maior desenvolvimento da aprendizagem. Esse proveito

advém de diferentes fatores: da realização de rápida leitura de capítulo sobre o assunto que está sendo abordado, descobrindo-lhe os pontos básicos; do questionamento e aplicabilidade desses pontos; da releitura para maior entendimento e, por último, da repetição do conteúdo lido com as próprias palavras do aluno.

Quando o estudante possuir um mínimo de habilidade de ler entendendo, passa-se à fase de maior entendimento e sua multiplicação. Pode-se, por exemplo, sugerir que se encontrem as idéias principais e secundárias do texto, que se procurem argumentos a favor ou contra, resumo e questionamento do texto.

É dessa maneira que se adquire o hábito de leitura atenta, ativa, com propósito, resolvendo problemas, sugerindo conclusões.

Quem lê um romance, além do propósito do lazer, pode também questionar a estética do autor, os problemas sociais que o contexto sugere, os aspectos psíquicos dos personagens, seus dramas e soluções.

A leitura proveitosa é, pois, a que leva o leitor a tomar posição em relação a um problema, induz à mudança de comportamento, acrescentando algo ao ego do leitor, fazendo com que ele solucione problemas de ordem afetiva ou prática, indo além do que o texto sugere.

7. Livro didático

Atualmente proliferam em nossas escolas os apostilamentos com conteúdos “infalíveis” para o ensino. Num processo imediatista, visando tão somente o ingresso no ensino superior, as escolas têm permitido que se multipliquem as tais apostilas que, muitas vezes, são meras cópias de livros didáticos de outros. Elas, as apostilas, constituem, então, uma violação do direito autoral.

Por outro lado, há os que são contra os livros didáticos por julgá-los inconsistentes com relação à educação moderna, dizendo que educação se realiza a partir de experiências pessoais e não através de leitura. Com isso, violam tais educadores o direito dos educandos a um conhecimento de maior conteúdo.

Se o livro didático contém falhas, limitações, cabe ao educador supri-las através de outros processos.

O livro didático deve servir de base para a aprendizagem. Por meio dele se processa a organização dos conteúdos, do curso e do material de apoio.

8. Leitura rápida

Modernamente a vida nos obriga a uma maior rapidez na decodificação de mensagens, dada a multiplicidade e abundância delas. São leituras de formulários, informações, instruções, impressos de várias áreas de atividade humana. Isso nos obriga a uma maior rapidez na leitura. Cabe à escola orientar os alunos a um número maior de leitura. Mas deverá fazê-lo sem os maus hábitos, como distração, falta de atenção, e sim, compreendendo e analisando.

9. Leitura de vários textos

A diferença do leitor de vários textos sobre o que lê apenas um é muito grande. Criando hábitos de ir além do primeiro texto, de se buscar mais fontes de informação, de se buscar outros pontos de vista, de se atualizar, eis o ideal do profissional de qualquer área do saber. Mas esse hábito se adquire nas escolas de 1º e 2º graus. Dificilmente o universitário não habituado a consultas mais profundas irá além do texto único. Às vezes fica na mera cópia do único.

10. Leitura como processo de estudo independente

Quem tem o costume de ler, torna-se mais independente, desenvolvendo a autodisciplina e despertando mais a curiosidade para a aprendizagem. As aulas por si sós tornam-se maçantes, desinteressantes para quem só fica na mera expectativa, como mero assistente. Já para quem lê, a aula vai complementar suas descobertas, desenvolvendo o raciocínio, aumentando o

pensamento reflexivo. O hábito da leitura cria um interesse que irá acompanhar o cidadão além da escola.

Conclusão

Há um ditado grego que diz: “A educação é alimento da alma”

Do mesmo modo que nos alimentamos para a sobrevivência, igualmente temos que alimentar nosso intelecto, sob pena de nos aniquilarmos psiquicamente.

Do que foi exposto, sobram argumentos em prol da necessidade da cultura, da leitura de bons livros, do debate em torno das informações sadias, etc.

É desalentador, porém, depararmos com a realidade de nossas escolas, tão pobrezinhas, tão carentes até mesmo da bendita merenda escolar, quanto mais de livros que possam satisfazer à curiosidade dos alunos. Nelas, quando há algo para se ler, consiste de meia dúzia de manuais desatualizados a que chamam de biblioteca.

Causa-nos espanto também ver pelos jornais depoimentos de professores que corrigem redação de vestibular, mostrando as barbaridades que aparecem, desde erros crassos de gramática até os de conteúdo e os de contra-senso. Em vez de causarem risos, tais erros bem que poderiam ser motivo de um ‘mea culpa’ por parte dos professores.

Não é só a falta de ética expor tais erros. É sobretudo um momento para reflexão nossa, ao descobirmos as falhas do 1º e 2º graus. É quando se percebe que, após 11 anos de estudos, o aluno sai do Ensino Médio incapaz para redigir vinte a trinta linhas sobre assuntos comuns que a Mídia normalmente projeta, seja pelos jornais, por rádios e televisão.

O que falta a eles? Cultura. Capacidade de reflexão. Leitura. Debates em sala de aula, com base em textos e depois, reflexão escrita.

Promover a leitura em sala de aula não é permitir “bagunça” ou “desordem”. É uma maneira sadia e agradável de conduzir a aprendizagem, dando a cada aluno a ocasião de se manifestar, expor o próprio ponto de vista, aprender a refletir, a aceitar

ou negar a opinião do colega.

Quando se ensina a pensar, a discutir, a debater os temas, promove-se o desenvolvimento intelectual, torna o educando mais capaz para análise e a crítica.

Se promovermos mais leitura, com técnica, com seriedade, teremos cidadãos mais conscientes, pessoas que não irão aceitar de maneira passiva as impunidades, deixando de ser nação sem memória.

O livro é uma das mercadorias de custo mais baixo, se levarmos em conta seu retorno. Promovê-lo é um dever de todos os amantes da Cultura e da Educação.

É através da Educação bem orientada, a Paidéia, que o aluno desenvolve sua cidadania, sua grandeza como ser humano, útil a si e ao grupo onde se insere. Quando se forma o cidadão, membro ativo da comunidade, haverá uma certeza: diminuir-se-á a vilania, haverá mais justiça e a sociedade será mais feliz.

Bibliografia

1. FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
2. Y TEZZA, Cristóvam. **Prática de texto**. Língua Portuguesa para nossos estudantes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
3. FAULSTICH, Enilde L. de J. **Como entender e redigir um texto**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
4. NERY, et, al. Anita Liberalesso. **Aprendizagem de leitura, pesquisa e ensino**. São Paulo: Símbolo, 1978.
5. TAVARES, Hênio **Último da Cunha**. Teoria Literária. Belo Horizonte: Bernardo Cabral, S. A., 1974.

6. WITTER, J. P. Manchado. **Lendo e escrevendo**. São Paulo: Vetor Edições Pedagógicas, 1978.